

Pais trabalhadores não criam filhos para o vento | Fellipe de Assis Zaremba

Na nossa rua sem saída existiam dois tipos de gente: os adultos e os meninos que queriam virar adultos rápido demais.

Os adultos ficavam na esquina.

Nós observávamos.

Eles eram os Spiders.

Uma espécie de lenda do bairro. Ou da rua. Naquela idade, talvez fosse a mesma coisa. Homens mais velhos, alguns já trabalhando, outros apenas sobrevivendo, sempre reunidos perto do poste, falando alto, rindo, planejando balões gigantescos como quem planejava missões espaciais. E o líder deles era um anão. Isso mesmo. Um anão. O que, para nós, fazia tudo ficar ainda mais extraordinário.

Porque infância adora personagens.

E aquele homem pequeno comandava o respeito de todos.

Então decidimos criar nossa própria versão daquela glória suburbana.

Nasciam os Mini Spiders.

Éramos quatro moleques de apartamento, filhos de trabalhadores, estudantes do ensino fundamental, especialistas em perder tampa do dedão jogando bola na rua e em transformar qualquer tarde vazia numa aventura histórica.

Sabíamos tudo sobre balões.

Ou pelo menos achávamos que sabíamos.

Saquinho de folha, chinesinho, lanterna, maçarico, carrapeta, bucha, vareta, papel de seda, guia, colar estrutura, calcular vento. Hoje percebo que aprendíamos engenharia sem saber. Logística sem saber. Liderança sem saber. Gestão de crise sem saber.

Naquele tempo, a gente só queria ver o balão subir.

E quando digo subir, não é modo de falar.

Queríamos altitude.

Queríamos que o bairro inteiro olhasse para o céu e soubesse: “foram os Mini Spiders”.

Íamos até a Rua Dom Bosco comprar material. Três, talvez quatro quilômetros de distância. Mas para meninos pobres, aquilo era praticamente uma expedição internacional. Atravessar bairros era conhecer o mundo.

A cidade parecia enorme.

A infância aumenta todas as geografias.

Participamos até de campeonatos. Tínhamos álbum de figurinhas de balão. E lembro da emoção sincera que sentimos quando vimos um balão da turma dos Spiders aparecer ali, eternizado numa página colorida e plastificada. Era como se nossos heróis tivessem chegado à Seleção Brasileira.

Hoje penso que nós não queríamos apenas soltar balões.

Queríamos pertencer.

Queríamos crescer.

Queríamos ser vistos pelos homens da esquina.

Talvez toda infância masculina de bairro seja isso: um ritual silencioso de observação dos mais velhos.

A gente imitava o jeito de falar, o jeito de andar, o jeito de organizar as coisas. Achávamos que liberdade era aquilo: passar a madrugada montando balão e olhar para o céu esperando o vento decidir nosso destino.

Meu pai não via exatamente dessa forma.

Metalúrgico. Homem honesto. Trabalhador. Daqueles que demoraram a vencer na vida.

Mas injusto seria resumir meu pai apenas ao homem preocupado com o futuro do filho.

Antes disso, ele também teve seus voos.

Foi roqueiro. Sonhador. Daqueles jovens que acreditavam que a vida ainda podia acontecer em algum palco, em alguma música alta atravessando a madrugada.

Só que a vida chegou cedo para ele.

Perdeu o pai ainda novo.

Virou homem antes da hora.

Chefe de família antes do tempo.

Aprendeu rapidamente que sonho, para sobreviver, precisava dividir espaço com boleto, responsabilidade e comida dentro de casa.

Talvez por isso aquela cena tenha mexido tanto com ele: o filho correndo atrás de um balão pelas ruas do bairro.

Hoje penso que, no fundo, meu pai talvez não estivesse brigando contra o balão.

Talvez estivesse brigando contra o medo.

O medo de que eu também descobrisse cedo demais como a vida pesa.

Minha mãe carregava outro tipo de luta.

Ela se formou em Pedagogia depois do terceiro filho. Curso noturno. Cansaço acumulado. Ônibus. Casa. Filho. Trabalho. Estudo. Prova. Estágio. Tudo junto. Dessas mulheres brasileiras que caminham em marcha silenciosa sem nunca chamar atenção para o próprio esforço.

E nossa casa ainda aprendia outra forma de cuidado.

Minha irmã, especial, exigia da vida um tempo diferente. Um olhar diferente. Minha mãe dividia o coração entre livros, filhos, trabalho e a delicadeza permanente de aprender a cuidar sem descanso.

Foi alfabetizadora.

E talvez exista algo profundamente simbólico nisso.

Enquanto eu corria atrás de balões, minha mãe passava os dias ensinando outras crianças a decifrar letras, palavras e futuros.

Hoje penso nela observando tantos meninos iguais a mim.

Meninos inquietos.

Meninos que olhavam o céu.

Meninos tentando descobrir como existir no mundo antes mesmo de entender o que o mundo era.

Talvez ela enxergasse em outras crianças aquilo que enxergava dentro da própria casa: a imaginação tentando sobreviver à dureza da vida.

E talvez por isso meu pai e minha mãe reagissem de formas tão diferentes àquele menino correndo atrás de um balão.

Meu pai via perigo.

Minha mãe talvez visse infância.

Nunca vou esquecer o dia em que meu pai me viu correndo atrás de um balão.

A conversa que veio depois me marcou mais do que qualquer bronca teria marcado.

Hoje, adulto, entendo o medo dele.

Talvez, naquele instante, ele não estivesse vendo um menino correndo atrás de um balão.

Talvez estivesse vendo o risco do filho se perder daquilo que ele lutou tanto para construir.

Porque pais trabalhadores sonham estabilidade para os filhos.

E balões não permanecem no céu para sempre.

Mas nós éramos crianças.

E crianças precisam correr atrás de alguma coisa.

Uns correm atrás de bola.

Outros atrás de bicicleta.

Nós corríamos atrás do céu.

E talvez exista alguma beleza nisso.

Porque, no fim, aqueles balões também nos ensinaram sobre a vida.

Alguns caem.

Alguns queimam antes de subir.

Outros desaparecem tão alto que a gente perde de vista.

Mas existem aqueles poucos, raríssimos, que encontram o vento certo.

E vão embora bonitos, livres e silenciosos sobre a cidade inteira.

Talvez crescer seja descobrir que a infância era exatamente isso: uma tentativa desajeitada, colorida e bonita de aprender a voar.